

No Dia Mundial da Dança...

1ª edição *Portingaloise, marche!*

# Contradanças no *Methodo* de Pantezze

Lisboa, 1761

ORGANIZAÇÃO | Portingaloise - Associação Cultural e Artística



29 abr. '23

10h00-13h00 | Workshop de Contradanças do séc. XVIII

14h30-17h30 | Encontro académico



Esta atividade organizada em torno da obra da BNP *Methodo* ou *Explicação* para aprender com perfeição a dançar as *Contradanças*, Lisboa, 1761, de Julio Severin Pantezze promove o contacto direto com a fonte, a prática efetiva de repertório de *Contradanças* do século XVIII e ainda, a partilha de trabalhos académicos sobre o contexto social, artístico e recreativo da época.

*Portingaloise, marche!* é uma nova rubrica itinerante da Portingaloise - Associação Cultural e Artística, que visa divulgar a Dança Antiga, de forma pontual e intensiva, por diferentes regiões do país, visitando diversos contextos culturais, visando distintos públicos, desde jovens a seniores, amadores a profissionais. Documentos, locais e testemunhos relacionados com a prática da Dança Antiga são assim mote para uma fruição patrimonial mais informada.

**PORTINGALOISE, MARCHE!  
29 DE ABRIL DE 2023  
BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL,  
LISBOA**

**WORKSHOP DE  
CONTRADANÇAS DO SÉC.  
XVIII**

POR CATARINA COSTA E SILVA  
10H00-13H00

Através do contacto direto com a obra de Pantezze, são realizadas contradanças do século XVIII, contextualizando a obra na demais tratadística europeia para compreender expressões e orientações do autor, assim como figuras coreográficas e vocabulário específico deste repertório.

**ENCONTRO ACADÉMICO**

14H30-17H30

Com a chancela do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

**AS HABILIDADES DA DANÇA NOS  
TEATROS DE LISBOA NA SEGUNDA  
METADE DO SÉCULO XVIII**

*José Camões, Centro de Estudos de Teatro  
(CET), FL-ULisboa*

Pretende-se nesta intervenção identificar o lugar da dança no espectáculo teatral do século XVIII oferecido pelos teatros públicos de Lisboa. Serão comentadas algumas condições logísticas oferecidas aos bailarinos, como as decorrentes de contratos e respectivos direitos e obrigações – os salários, as ajudas de custo, entre outras parcelas de remuneração – que ajudam a compreender a permanência em Lisboa de um elevado número de dançarinos.

A intensa actividade de dança teatral que Lisboa proporciona faz desenvolver modelos empresariais de exploração dos teatros públicos que chegam a especializar a figura do empresário teatral na de empresário de dança.

Reconhece-se que Portugal ocupou um lugar de não pequena importância nas redes de mobilidade de profissionais da dança que existiam por toda a Europa no século XVIII, ajudando a estimular um gosto que levava o público a procurar incessantemente o espectáculo de dança.

**«MINUETS TO BEGIN AT SEVEN O'CLOCK  
PRECISELY, TWO COUNTRY-DANCES ONLY  
BEFORE TEA»: BAILES E ASSEMBLEIAS NO  
SÉC. XVIII EUROPEU**

Cristina Fernandes, Instituto de  
Etnomusicologia - Centro de Estudos em  
Música e Dança (INET-md), NOVA FCSH

Ao longo do século XVIII, práticas musicais e coreográficas associadas à dança de corte transitaram do âmbito da monarquia e dos palácios da aristocracia para espaços como as academias, as assembleias e os salões domésticos. Trata-se de um fenómeno transversal à sociedade europeia, na qual a dança se assumia como modalidade artística e lúdica, mas também como forma de distinção e afirmação social. Não obstante as diferentes modalidades de assembleias e a multiplicidade de sentidos que o termo assumiu, referimo-nos neste caso às reuniões sociais que se realizavam em espaços próprios, com acesso por convite, bilhete ou subscrição, e que contemplavam a música (incluindo concertos por profissionais e/ou amadores), a dança e os jogos de cartas, bem como beberetes ou ceia. Se em relação aos bailes na corte e à dança teatral, França e Itália foram modelos de referência, no que diz respeito à disseminação da dança social é fundamental ter em conta o papel das assembleias britânicas, com destaque para as que tinham lugar em Londres e Bath. Em Nápoles, um equivalente próximo encontra-se na Accademia dei Cavalieri e na Conversazione degli Amici e muitos outros exemplos poderiam ser dados relativos a diversos países, cidades e contextos culturais, incluindo Espanha e Portugal.

Também na Lisboa setecentista funcionaram várias assembleias, algumas de forma mais regular, outras apenas esporadicamente. Salientam-se a Assembleia das Nações Estrangeiras, do compositor e violinista Pedro António Avondano (1714-1782), a Assembleia do Bairro Alto (destinatária do Methodo ou explicação para aprender com perfeição a dançar as contradanças, de Julio Severin Pantezze), as Assembleias da Nação Britânica e do Salitre, bem como a Assembleia Nova e a Assembleia Portuguesa, esta última já nos inícios do séc. XIX. No entanto, o puzzle é bem mais complexo e carece ainda de algumas peças. Tal como sucedia noutros países, os Minuetos e, principalmente, as Contradanças (inglesas, francesas e alemãs) dominavam o baile, mas novas danças foram sendo adicionadas aos repertórios já existentes como é o caso do Cotillon e mais tarde da Valsa. A fim de melhor compreender o panorama lisboeta, esta comunicação propõe uma contextualização internacional mais ampla, considerando especialmente exemplos ingleses, napolitanos e espanhóis e tendo em conta os seguintes aspectos: os espaços usados para a dança social em correlação com outras actividades de lazer; os regulamentos dos “mestres de cerimónias” no que diz respeito à indumentária, normas sociais, etiqueta e organização do próprio baile; os tratados de dança; e as fontes musicais e coreográficas manuscritas e impressas, incluindo suportes menos habituais como o baralho de cartas com música de dança de José do Espírito Santo Oliveira (1755-1819) e outros similares. Demonstra-se ainda como a circulação de modelos estrangeiros se combinava com práticas locais que acabariam, nalguns casos, por ser difundidas fora da Península Ibérica.

**A "FALA EM QUE SE DANÇA".  
CONHECER A OBRA DE JULIO  
SEVERIN PANTEZZE - UM MANUAL  
DE DANÇA PORTUGUÊS DO SÉCULO  
XVIII**

*Alexandra Campos, CHAM - Centro de Humanidades, NOVA FCSH*

Entre 1760 e 1767, foram publicados os três primeiros tratados de dança em Portugal. Resultado claro da crescente cultura do impresso, são também fruto da dinâmica europeia de trocas culturais, com o movimento de receção e difusão das danças de corte. A circulação de obras e de artistas leva à partilha do repertório das danças mais em voga nas principais sociedades europeias. Diferentes estilos de dança são sinal de uma evolução nas tendências de gosto, relacionados normalmente com transformações de ordem cultural e política. Conhecer a obra de Julio Severin Pantezze, das suas prescrições mais genéricas ao ensino de uma técnica específica, é entrar em contacto com uma prática social que era sinónimo de civilidade e de distinção. Dos três tratados portugueses impressos, o “método” de Pantezze é o único a dedicar-se ao ensino das contradanças, mais propriamente à explicação das “figuras das diferentes voltas, conforme o estilo com que as executa a nação britânica”. Quais as leituras que se podem fazer deste livrinho e da descrição das suas 36 figuras de dança? Esta obra vai permitir-nos falar do contexto europeu da tratadística de dança e do contexto português para a edição deste tratado. Também será explicado o gosto pelas contradanças e como estas se distinguem de outras danças de corte. E, por fim, perceber a “utilidade” da arte de dançar e como ela se insere nas práticas de sociabilidade setecentistas.

**NOTAS BIOGRÁFICAS**

**José Camões** é investigador principal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e docente do programa de pós-graduação em Estudos de Teatro. Doutorado em Estudos de Teatro, é investigador integrado do Centro de Estudos de Teatro da FLUL, onde desenvolve trabalho sobre a história do teatro em Portugal e a edição de teatro clássico português. Centra a sua pesquisa sobretudo nos séculos XVI-XIX, assegurando a coordenação científica de vários projectos nas áreas da Edição e da História do Teatro em Portugal.

**Cristina Fernandes** é investigadora integrada no INET-md (NOVA FCSH), onde desenvolve o projecto Music, Performing Arts and Diplomacy in the 18th century: Portuguese networks in the international stage (CEECIND/03493/2022) e coordena o grupo de investigação “Estudos Históricos e Culturais em Música”. Foi Co-IR do projecto PROFMUS-Ser Músico em Portugal: a condição sócio-profissional dos músicos em Lisboa (1750-1985), financiado pela FCT, e fez parte da equipa do projecto ERC PERFORMART-Promoting, Patronising and Practising the Arts in Roman Aristocratic Families (1644-1740), financiado pelo ERC (instituições de acolhimento: École Française de Rome, CNRS, 2016-2022). Doutorada em Música e Musicologia pela Universidade de Évora (2010), realizou posteriormente um pós-doutoramento sobre as práticas musicais e o cerimonial da Capela Real e Patriarcal de Lisboa (1716-1834), com uma bolsa da FCT (2011-2017), e diversas colaborações com projectos do grupo de investigação “Música em Espanha: Composição, Recepção e Interpretação” (Universidade de La Rioja). É autora de diversos livros e artigos sobre a música e a cultura no século XVIII, entre outros temas, e de numerosos textos de divulgação musical

crítica como colaboradora do jornal Público. Tem também escrito guiões para concertos encenados em torno da música e da dança nos salões e assembleias setecentistas. Foi docente na Escola das Artes (UCP-Porto) e no Departamento de Ciências Musicais (NOVA FCSH), entre outras instituições, e fez parte da direcção da SPIM-Sociedade Portuguesa de Investigação em Música (2015-2021).

**Alexandra Campos** é Mestre em História Moderna, com a dissertação «Tratados de dança em Portugal no século XVIII. O lugar da dança na sociedade da época moderna» (NOVA FCSH, 2009). Concluiu o diploma de estudos avançados com o projeto de tese «O património da dança barroca e a sua transmissão. Os exemplos de Portugal, Espanha e França», no curso de doutoramento em Ciências da Comunicação (NOVA FCSH, 2019). Destaca a colaboração na edição Dançar para a República (coord. Daniel Tércio, 2010), com um artigo sobre a tratadística de dança em Portugal no século XIX. Também tem trabalhado estes temas em projetos artísticos e educativos, destacando o estágio do Programa Inov-Art (DG-Artes) na companhia de dança Fêtes galantes, Paris, onde foi colaboradora artística no DVD La danse baroque proposée par Béatrice Massin (2011). Como intérprete, colabora regularmente com a associação Portingaloise, dirigido por Catarina Costa e Silva, da qual é membro fundador, e com o grupo de danças antigas Canora Turba, dirigido por Isabel Gonzaga. Alguns projetos têm resultado de coproduções com a ESMAE e a EMCN. Fora de Portugal, dançou no Festival Lumières (Finlândia) e no Festival Mozart (Itália). É Gestora de Ciência na unidade de investigação CHAM – Centro de Humanidades, na NOVA FCSH.

**Catarina Costa e Silva** – A sua atividade artística e pedagógica abrange as suas diferentes formações: Curso vocacional de dança – Ginásio Escola de Dança;

Licenciatura em História da Arte – FLUP; Licenciatura em Canto – ESMAE; MA Music-Theatre Studies – University of Sheffield; Curso de Encenação de Ópera – FCGulbenkian. Fez formação em Danças Antigas com diferentes mestres de renome internacional: Béatrice Massin, Bruna Gondoni, Catherine Turocy, Cecília Grácio Moura, Cecília Nocilli, Diana Campóo, Dorothee Wortelboer, Françoise Denieau, Jürgen Schrape, Marie Geneviève Massé, Maria José Ruiz, Ricardo Barros, entre outros. Como intérprete ou assumindo a encenação/direção coreográfica, apresentou-se dentro e fora de Portugal (Alemanha, Brasil, Espanha, Finlândia, França, Inglaterra, Itália) em importantes eventos (Aerowaves-Londres, Guimarães 2012-CECultura, Dias da Música-CCB, Tempestade e Galanterie-Queluz, Festival Mozart-Rovereto, Fringe-Utrecht) com diversos agrupamentos nacionais e estrangeiros. Docente do ensino artístico especializado de dança desde 1994, tendo lecionado também em várias instituições de ensino artístico especializado ou profissional de música. Leciona Danças Antigas no Curso de Música Antiga da ESMAE – P.Porto desde 2008, assim como em instituições artísticas nacionais e estrangeiras, (ex: Semana de Música Antiga da Universidade Federal de Minas Gerais ou a EUBO). Presidente da Portingaloise – Associação Cultural e Artística e council member (por Portugal) da European Association for Dance History. Investigadora colaboradora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, recentemente coordenou a publicação Estudos Coreológicos (2016-2020): Contextos da Dança e Música Antiga, da série Mundos e Fundos, sendo membro do projeto homónimo. Doutoranda de Estudos Artísticos é bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia desde 2022.

